

A Interculturalidade na Educação: da diversidade ao diálogo

(Apresentação – 1.ª Sessão)

1. Quem sou?

Impõe-se começar por referir que, exceção feita aos dados pessoais, a resposta à presente questão seria significativamente diferente caso a mesma me tivesse sido colocada há cerca de três anos.

Na realidade, e citando um verso de um tema musical de uma das minhas bandas portuguesas favoritas (Ornatos Violeta, “Capitão Romance”), atualmente “sou a sombra do que sou”. Saliento, porém, o uso consciente e intencional da forma verbal “sou” (na segunda ocorrência), já que rejeito a aceitação tácita de uma doença que se tem revelado penosa e castradora.

Chamo-me Elisabete Balhau e sou licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de estudos de Português e Inglês, encontrando-me vinculada ao grupo 300 (Português – 3.º CEB e Secundário). Acresce que, no presente ano letivo, fiquei colocada, no âmbito da Mobilidade por Doença, no Agrupamento de Escolas de Coimbra Oeste.

Infelizmente, em abril de 2024, vivenciei um quadro clínico grave – mais concretamente, uma perfuração intestinal – a qual provocou uma septicemia (que, por desconhecimento, descurei e deixei evoluir até um estado limite que me deixou em risco de vida), tendo ficado doze dias num estado de coma profundo e vendo-me sujeita a longos períodos de internamento, entre vários serviços do CHUC e duas unidades de Cuidados Continuados.

Por infortúnio, ou por outra causa que desconheço, no ano seguinte sofri uma intercorrência (nova perfuração intestinal e mais uma entrada no bloco operatório, já em choque séptico), facto que me anulou todos os progressos conseguidos até então, quer em termos de recuperação física, quer no tocante à vertente emocional.

Face ao exposto, encontro-me afastada do ensino desde o mês supramencionado, vendo-me impedida de exercer a profissão que escolhi deliberadamente, movida pela paixão e pela crença fervorosa na importância crucial que qualquer docente assume na formação integral dos alunos.

Numa crónica publicada na revista *Visão*, em outubro de 2011, Pedro Chagas Freitas afirma, passo a citar: “O trabalho dos professores é a generosidade. [...] Resistindo, os professores, pela sua prática, são os guardiões da esperança.”

Por conseguinte, aqui me assumo como eterna guardiã da esperança!

2. O que faço aqui (na formação)?

Encontro-me nesta Ação de Formação motivada por experiências anteriores extremamente positivas em Ações dinamizadas pela APEFP, cuja qualidade e rigor formativo me trazem a firme convicção de que também esta superará largamente as expectativas que nela deposito.

Antecipo um enriquecimento significativo do manancial de saberes que já possuo, através da aquisição de conhecimentos de extrema pertinência para a minha prática docente – mais-valia que se refletirá, necessariamente, nos alunos que futuramente encontrarei (em contexto educativo) e nos colegas com quem venha a colaborar.

Num tempo marcado por uma sociedade crescentemente multicultural e multilingue, a presente Formação afigura-se-me um contributo inquestionável para a construção de uma escola inclusiva, promotora do sucesso educativo e da qualidade das aprendizagens preconizadas pelo Decreto-Lei n.º 55/2018, dotando-me ainda de ferramentas metodológicas que me permitam mediar, com serenidade e eficácia, os atritos e as tensões que a convivência intercultural naturalmente pode suscitar.

3. Porque vim por este caminho / Quem me trouxe?

Sigo esta rota movida pela consciência de que a escola contemporânea, cada vez mais plural, reclama de nós, docentes (e restante comunidade educativa), uma postura ativa e informada perante a diversidade cultural que a habita.

Trouxe-me até aqui o desejo de incorporar, na minha prática pedagógica, abordagens que fomentem o sentimento de pertença, o respeito mútuo e a valorização da pluralidade cultural enquanto fonte de enriquecimento

coletivo, reconhecendo nela não um obstáculo, mas uma oportunidade de crescimento partilhado. Conduziu-me, igualmente, a vontade de cultivar, junto dos meus alunos, disposições como a empatia, a solidariedade e o espírito de cooperação, competências indispensáveis à construção de uma comunidade escolar mais coesa e humana. Por fim, impele-me a necessidade de consolidar um olhar crítico sobre as políticas e as práticas educativas vigentes, à luz dos princípios da interculturalidade, de modo a favorecer transformações que reforcem a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos.

4. Para onde vou?

Ainda inspirada pelo refrão do tema musical supramencionado, afianço que rumo a um horizonte onde a diversidade cultural deixe de ser encarada como desafio e passe a ser vivida como diálogo fecundo, é com esse propósito que inicio este percurso formativo, na certeza de que dele retirarei instrumentos concretos para transformar a minha prática docente.

Pretendo caminhar ao encontro de uma escola mais inclusiva, onde o sentimento de pertença, o respeito mútuo e a valorização da pluralidade cultural se traduzam em aprendizagens significativas para todos os alunos, e onde a empatia, a solidariedade e a cooperação floresçam como competências essenciais à convivência democrática. Almejo, também, conseguir um olhar mais crítico e fundamentado sobre as políticas e práticas educativas, capaz de impulsionar mudanças que reforcem a inclusão e a igualdade de oportunidades.

É, pois, com a disposição de quem se prepara para partir rumo a algo verdadeiramente enriquecedor – como nos convida a sentir o dito tema musical que fala de partidas cheias de sentido e coragem – que encaro o início deste percurso, na expectativa de dele regressar mais capaz e mais completa, tanto profissional como pessoalmente.

5. O que e/ou quem levarei sempre comigo?

Creio que levarei comigo, vincadamente, o manancial de saberes, estratégias, recursos e instrumentos práticos que espero reunir ao longo desta Formação, os quais deverão consubstanciar-se numa prática pedagógica mais consciente, inclusiva e atenta à pluralidade cultural que hoje caracteriza a escola.

Cumulativamente, acredito que levarei a convicção de que promover o sentimento de pertença, o respeito mútuo e a valorização da diversidade cultural constitui um dever inadiável do professor comprometido com a construção de uma escola mais justa e coesa. A par disso, levo a certeza de ter contribuído, ainda que modestamente, para cultivar nos meus alunos a empatia, a solidariedade e a cooperação.

Estou convicta de que levarei, também, um olhar mais crítico e fundamentado sobre as políticas e as práticas educativas, capaz de favorecer mudanças que reforcem a inclusão e a igualdade de oportunidades.

Todavia, e acima de tudo, levarei comigo o apoio inestimável da minha família, que me acompanhou com incondicional dedicação nos momentos mais árduos do meu percurso e que continuará a ser o alicerce inabalável da minha caminhada, tanto existencial como profissional.

Que este percurso formativo seja, pois, mais uma viagem rumo a um horizonte onde o conhecimento e o afeto se entrelaçam para dar sentido, plenitude e propósito a tudo aquilo que somos e ainda seremos capazes de construir.

A Formanda

Elisabete Cláudia Saraiva Balhau